

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

Rafael Rodrigues da Silva Cardoso¹

RESUMO: *O trabalho analisa as expressões relacionadas ao comportamento verbal em português, realizando comparações com outras línguas para discutir o universal e o particular em linguagem, se utilizando da perspectiva cognitiva. Faz-se uma releitura de Jing-Schmidt (2008) no sentido de verificar se as metonímias e metáforas conceituais propostas pela autora para a análise de expressões em chinês se aplicam à língua portuguesa.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cognição; Metáfora; Metonímia; Comportamento Verbal.*

Palavras iniciais

Durante muito tempo acreditou-se que as categorias dos objetos do mundo eram independentes do conhecimento humano e que estes possuíam características inerentes. A linguagem seria, então, uma maneira de nós nos referirmos a estes objetos pré-existent, etiquetados de antemão no que podemos chamar realidade pura. A partir deste pressuposto, em Semântica Formal pode-se dizer que um enunciado é verdadeiro ou falso, a depender de sua correspondência com a situação da realidade. Presume-se que nós tenhamos acesso à realidade "crua" e possamos julgar a língua e sua relação com a realidade. Porém, nos últimos trinta anos várias pesquisas realizadas sob o arcabouço teórico da linguística cognitiva mostraram que as categorias expressas na linguagem são, na verdade, construídas pela experiência humana e que as línguas do mundo refletem estas categorias e mecanismos cognitivos mais amplos, utilizados na construção dessas categorias. São deixadas de lado, portanto, as *propriedades inerentes*, independentes do homem e dá-se prioridade às *propriedades interacionais* (LAKOFF, 1987, p. 51), construídas a partir da interação do homem com a realidade.

Como mostra Lakoff (1999, p. 16-44), nossos conceitos também não estão preparados de antemão; ao contrário, dependem de nosso corpo, cérebro e sistema sensorio-motor. Esta idéia é conhecida como a hipótese da corporificação. Nossos conceitos refletem nossas capacidades cognitivas, o que

1 Mestrando (UFRJ).

quer dizer que o mundo que nós conhecemos é o mundo que nossas capacidades cognitivas permitem que conheçamos.

O presente trabalho se inscreve nesta discussão trazendo mais evidências de que mecanismos cognitivos como a metáfora e a metonímia podem ser observados na linguagem corrente, confirmando a hipótese da corporificação e evidenciando o caráter experiencial da linguagem.

Ao observarmos expressões idiomáticas relacionadas ao comportamento verbal em português, salta aos olhos a presença regular de órgãos da fala: o *linguareto* é aquele que fala demais; o *boca grande*, aquele que diz o que não deve; alguém sem papas na *língua* diz as coisas sem medo das consequências; um *papo reto* é um discurso que se atém ao tema principal². É importante encontrar o alcance dessa regularidade, bem como explicar os motivos de sua existência.

Com base em dados retirados de dicionários *online*, da ferramenta de busca *Google* e da intuição do pesquisador, este estudo, ainda em fase inicial, pretende contribuir para a compreensão de extensões de sentido que geram uma rica polissemia lexical tanto por base metonímica (os órgãos da fala) e metafórica (os adjetivos utilizados). Além disso, ao comparar diversas línguas, levanta-se a questão do universal e do particular em linguagem.

1. Conceitos Teóricos

A linguística cognitiva retirou a metáfora e a metonímia do âmbito da língua literária e deu a elas o estatuto de processo cognitivo inerente à espécie humana (LAKOFF, 1980; KÖVECSES, 2010). Isto implica dizer que ambas são redefinidas e se tornam mecanismos cognitivos mais gerais dos quais temos evidências na linguagem, e que estão presentes na língua do dia-a-dia e não somente na literatura. Em *Metaphors we live by*, Lakoff mostra diversos exemplos desta presença frequente da metáfora e da metonímia no dia-a-dia e explora também algumas de suas implicações filosóficas. Ele desenvolve a teoria

2 A lista completa das expressões do português brasileiro analisadas neste trabalho estão no ANEXO 1.

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

da *Metáfora Conceitual*, segundo a qual nós compreendemos conceitos mais abstratos utilizando conceitos mais concretos. Para compreendermos uma discussão, por exemplo, utilizamos o conceito mais concreto de guerra. Sendo assim, numa discussão nós podemos atacar/defender uma posição, criar estratégias, estabelecer os pontos fracos do nosso adversário, entre outras coisas que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA nos permite. Numa metáfora conceitual, a estrutura de uma experiência mais concreta é chamada domínio-fonte e a mais abstrata domínio-alvo. Já a metonímia não implica a compreensão de um conceito em termos de outro, mas sim a utilização de um conceito para fazer referência a outro conceito relacionado a ele, dentro de um mesmo domínio ou Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). Ao dizermos "Ontem não bebi nem um copo na festa!", não nos referimos exatamente ao objeto copo, pois não é comum nós engolirmos copos (se é que isto é possível). Na verdade, estamos nos referindo ao líquido contido no copo³. Em termos teóricos, diz-se que uma entidade veículo fornece acesso a uma entidade alvo.

Segundo Kövecses (2010), as principais diferenças entre a metáfora e a metonímia são respectivamente as seguintes: similaridade x contiguidade; dois domínios *versus* um domínio; compreensão x direcionamento da atenção; esferas diferentes e mesma esfera.

Jing-Schmidt (2008) realizou uma análise de expressões relacionadas ao comportamento verbal em chinês mandarim. Ela aponta para a presença da metonímia envolvendo partes do corpo relacionadas à fala neste tipo de expressão em várias línguas. Ela propõe a metonímia conceitual ÓRGÃO DO DISCURSO PELO DISCURSO e faz uma classificação das fontes de metonímia em: propriedade do órgão como fonte; ação sobre o órgão como fonte; efeito do órgão como fonte. Ela comenta a presença de metáfora e metonímia nas expressões, como por exemplo em Zui3 Tian2 (boca doce), em que é utilizada uma propriedade interacional de um órgão do discurso em referência a uma propriedade do comportamento verbal que o órgão produz. Também algumas metáforas conceituais para expressar comportamento verbal são citadas como

3 Esta metonímia é uma instância da metonímia conceitual O RECIPIENTE PELO CONTEÚDO, comentada por Kövecses (2010, 183 –184).

possivelmente universais: COMPORTAMENTO VERBAL É AÇÃO FÍSICA; DISCURSO É RECIPIENTE; DISCUSSÃO É GUERRA, porém com ressalva quanto a possíveis especificidades culturais, que não seriam arbitrárias, mas sim experiencialmente motivadas como já documentado na literatura. Ela mostra também que existe preponderância de sentido negativo nas expressões, e comenta que tal fato vai contra a Hipótese de Pollyanna proposta por Boucher e Osgood, segundo a qual as línguas apresentam mais palavras positivas do que negativas.

2. Algumas questões

As questões que seguem, às quais tentaremos responder, guiarão nosso estudo destas expressões. O fenômeno observado acontece em outras línguas? Há outras expressões, em português, relacionadas ao discurso que não usam órgãos da fala? Quais são os mecanismos em jogo quando fazemos uso delas?

2.1. O fenômeno observado acontece em outras línguas?

Em resposta à nossa primeira pergunta, vejamos os dados abaixo⁴.

Francês

Bouche cousue -> *boca* costurada (apto a guardar segredos);

Langue de bois -> *língua* de madeira (discurso político estereotipado).

Inglês

My lips are sealed -> meus *lábios* estão selados (é dito ao prometer-se um segredo);

Big mouth -> *boca* grande (diz o que não deveria ser dito).

Japonês

Kuchikiki -> *boca* – vantagem; (pessoa eloquente);

Sanzun no *shita* -> *língua* de três polegadas; (língua eloquente).

4 Por questão de espaço, nesta seção há somente duas expressões de cada língua. Outras expressões das línguas estrangeiras em questão podem ser conferidas no ANEXO 2.

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

Mandarim⁵ (Jing-Schmidt, 2008)⁶

zui3ying4-> boca dura (aquele que é verbalmente teimoso);

zui3jin3-> boca apertada (aquele que é apto a guardar segredos).

Como podemos ver, o fenômeno é bem difundido nas línguas e é plausível postular sua universalidade, fato já apontado por Schmidt (2008). Tal regularidade merece, portanto, uma atenção especial, já que a disseminação das expressões em línguas tipologicamente diferentes sugere que o mecanismo em ação é inerente à espécie humana e não uma característica que tenha surgido em uma língua e depois passado para as outras. Assim como Kövecses (2010), que procede na análise da universalidade de metáforas conceituais, comparando línguas de origens diferentes, a convergência pode ser explicada pela simples razão de aspectos fisiológicos do corpo humano. Ele verifica a presença da metáfora do recipiente para o corpo na conceitualização da raiva em diversas línguas e a explica por meio de razões fisiológicas. Em nossa análise, também verificamos que razões fisiológicas podem ser a explicação da convergência de expressões sobre o discurso. Nesse sentido, este amplo fenômeno demonstra duas convergências: a de experiências (por meio do corpo humano) e a de conceitualização dessas experiências (por meio dos mecanismos cognitivos).

2.2. Há outras expressões que sejam relacionadas ao discurso e que não usam órgãos da fala em língua portuguesa?

Onomatopeias: bafafá, nhemnhemnhem, fofoca, patati patatá, trololó.

Outras: matraca, bafo, babado.

Ao observar os dados acima, vemos que a resposta da segunda pergunta é sim. Podemos nos referir ao discurso por meio de onomatopéias e também de outras maneiras.

Nas expressões onomatopaicas, o veículo de comunicação, isto é, o som, é tomado por comportamento verbal. Em 'bafo' e 'babado', não temos

⁵ Expressões retiradas de Jing-Schmidt (2008).

⁶ Para a transcrição do mandarim, foi utilizado o sistema pinyin, sendo os tons indicados por meio de números.

propriamente órgãos da fala, mas produtos de um órgão da fala (a boca), que servem de fonte para a metonímia, pois o discurso é também um produto da boca. Nesse sentido, a metonímia “órgãos da fala” não é suficiente e seria conveniente alargá-la introduzindo também produtos de órgãos da fala.

A expressão ‘matraca’, que é utilizado para um discurso excessivo, baseia-se no instrumento matraca, que produz um som estridente, e é feita, portanto, uma associação entre a quantidade e intensidade da fala e a intensidade do som da matraca⁷. A metonímia com base em órgãos da fala (e em produtos dos órgãos da fala) não é, portanto, a única fonte de referência para o discurso. Este fato adquire importância no sentido de verificar se os mecanismos que atuam como veículos de referência podem ser explicados de maneira geral ou se é absolutamente necessário separar as expressões em grupos de análise.

2.3. Quais são os mecanismos em jogo quando fazemos uso destas expressões?

Numa tentativa de compreender as expressões de comportamento verbal em língua chinesa, Schmidt argumenta que elas são constituídas de uma parte metonímica e outra metafórica. Suas considerações podem ser aplicadas convenientemente à língua portuguesa em alguns casos. Em *papo reto*, por exemplo, há uma metonímia, pois nós nos referimos ao discurso por meio do órgão da fala *papo*, e uma metáfora, pois aplicamos o adjetivo *reto*, uma característica física, ao discurso, um conceito abstrato. O órgão da fala *papo* faz o papel metonímico, isto é, de referência ao discurso enquanto o metafórico nos ajuda na compreensão de um fenômeno abstrato (o fato de um discurso não se distanciar do assunto principal) colocando-o em termos físicos. A metáfora traz uma *propriedade interacional* do discurso, pois o conceito abstrato de discurso “direto” não necessariamente tem a ver com uma linha reta. Nós, humanos, o entendemos e caracterizamos desta maneira. Como diz Lakoff (1980) ao comentar a compreensão indireta de alguns conceitos, o âmbito das práticas

7 É possível que o princípio da iconicidade esteja em atuação aqui, hipótese a ser verificada posteriormente. Além disso, como temos dois domínios e uma forte influência da parte cultural, podemos dizer que a metáfora é o processo que viabiliza o fenômeno.

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

sociais (das quais faz parte o discurso) é geralmente estruturado em termos de outros conceitos. Lakoff (1980: 178) também afirma que utilizamos recursos de nossa compreensão direta (mais concretos) para a compreensão indireta (abstrata).

Em *linguário* temos o sufixo -udo, que segundo Basilio (1980, p. 85) é usado para "formar adjetivos que caracterizam seres por terem alguma coisa, expressa pela base, maior ou mais do que o normal". A autora ressalta também que essa caracterização não é neutra e que tende à pejoratividade. Gonçalves (2005) também comenta o fenômeno, afirmando que -udo é usado para expressar intensidade pejorativa, veiculando o significado de "avantajado de". Interessante é o fato de Jing-Schmidt (2008) mostrar em seus dados que em chinês também há uma expressão em que o tamanho da língua é referido: *chang2 she2 fu4*, literalmente "longa língua mulher", ou seja, mulher de língua longa. Como se pode notar, a diferença marcante é o uso do processo de sufixação, que é frequente em português e não em chinês.

Faz-se necessário um comentário muito importante que coloca a metáfora e a metonímia no centro da questão do universal e do particular em matéria de linguagem. Se compararmos as expressões de línguas diferentes, como, por exemplo, o português e o chinês, vemos que a parte metonímica das expressões apresenta menos variação que a metafórica. Nos exemplos em diferentes línguas também se pode notar uma certa regularidade no que concerne às metonímias: representando o discurso aparecem frequentemente a língua, a boca, os lábios, os dentes. Já no caso das metáforas, temos uma situação diferente: diz-se *zui3 tian2* (boca doce) em chinês, mas a mesma metáfora não é usada em português; a *langue de bois* francesa também não pode ser traduzida como *língua de madeira* em português. Isto quer dizer que o domínio-fonte utilizado pelas línguas na conceitualização e caracterização do discurso nem sempre são os mesmos e, mesmo quando são, não necessariamente têm a mesma interpretação. Enquanto o *big mouth* inglês e a *boca grande* portuguesa apresentam o mesmo sentido, podemos ver na diferença entre *boca dura* e *zui3 ying4* (boca dura) que em chinês, a "dureza"

do discurso é interpretada como teimosia e em português como grosseria. Estes exemplos mostram que as línguas categorizam experiências abstratas de maneira diferente. Langacker (1987), com sua noção de *Ajuste Focal* prevê que ao aplicarmos adjetivos, por exemplo, eles selecionam determinados aspectos da entidade com a qual lidam. Se falarmos de um “lápiz vermelho”, por exemplo, é possível imaginar um lápis que escreve em vermelho ou um lápis com a parte exterior vermelha. No caso acima, a “dureza” deu origem a duas noções diferentes por conta do ajuste focal diferente, o que pode ser atribuído à experiência cultural do uso da expressão.

Como razão da menor variabilidade da metonímia, podemos argumentar que os órgãos humanos participantes do discurso, aos quais se pode fazer referência, são extremamente limitados. Podemos falar então de um condicionamento experiencial no tocante às expressões de comportamento verbal, devido à fisiologia do corpo humano. Já a metáfora varia mais, pois como notamos, o domínio-fonte contemplado nem sempre é o mesmo e, mesmo que seja, pode não ter a mesma interpretação metafórica, pois o ajuste focal pode ser realizado de maneira diferente, dando-se prioridade a um outro aspecto.

Apesar de tudo, existe certa convergência entre as metáforas também. Uma grande parte das expressões (talvez a maioria, como veremos a seguir) parece ser melhor analisada do ponto de vista da metáfora do conduto, presente em Lakoff (1980: 10). Esta metáfora, que nos ajuda a compreender a experiência que temos do discurso, mapeia as palavras como objetos (que contem sentidos) que nós passamos uns aos outros. Como as palavras, esses objetos saem da boca, e, por isso, expressões como *boca grande*, *calar a boca*, *vira essa boca pra lá* podem ser entendidas como materializações linguísticas desta metáfora conceitual: a relação entre a boca e a saída destes objetos que carregam o sentido a ser comunicado. Também as expressões *bouche cousue* do francês e *my lips are sealed*, do inglês, se encaixam bem a esta análise.

Até mesmo expressões analisadas por Jing-Schmidt (2008, p. 248) como localizadas entre o pólo metafórico e metonímico prestam-se a esta análise.

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

Segundo a autora, nestas expressões “uma dada propriedade interacional de um órgão da fala refere-se metonimicamente a uma propriedade de comportamento verbal que o órgão ajuda a produzir”⁸. Porém, se olharmos por outro ponto de vista, veremos que uma interpretação com base na metáfora do conduto também é possível: zui3 ying4 (boca dura: teimosia verbal em não admitir um erro), pode ser compreendido como uma boca que não se move e que por isso não deixa objetos (palavras) saírem, impedindo o discurso; zui3 tian2 (boca doce: tendência a proferir bajulações), pode implicar que a boca é doce porque expõe objetos doces, ou seja, palavras de bajulação que são entendidas como doces por seu caráter agradável do ponto de vista de quem as recebe; zui3 jin3 (boca estreita: aquele que consegue guardar segredos) pode ser visto como uma boca estreita que não deixa passar objetos (palavras) e que por isso não vai divulgar segredos.

3. Classificação

As classificações de Jing-Schmidt para as expressões de comportamento verbal em chinês mandarim não se adequam tão bem aos dados do português. Já vimos que a metonímia conceitual ÓRGÃOS DA FALA POR DISCURSO não dá conta dos dados em que a metonímia se faz por veículos que são produtos de órgão.

Além disso, Jing-Schmidt considera que na metonímia o elemento alvo é o discurso e o veículo é o órgão da fala, mas isso não dá conta do fato de que os adjetivos escolhidos às vezes dependem do sentido básico do órgão referenciado. Não se diz, por exemplo, “boca longa”, pois o adjetivo “longo” não pode ser aplicado ao órgão boca; já o órgão “língua” aceita melhor o adjetivo. Talvez seja uma análise por demais simplista dizer que os órgãos da fala servem de metonímia, pois há outros fatores em jogo, como a adequação dos domínios escolhidos com o sentido básico do elemento que serve de veículo metonímia, ou seja, o órgão (ou produto). Outro fato interessante é que em “língua afiada”,

8 Tradução nossa. Segue o trecho original, em inglês: “... a certain interactional property of a speech organ metonymically refers to a property of verbal behavior that the organ helps to produce.”

por exemplo, a língua se torna afiada e tem a possibilidade de cortar e esta característica é passada para o discurso; em “boca grande”, entretanto, não é propriamente a boca que deve exercer uma ação, pois neste contexto ela é passiva e apenas deixará passarem mais objetos (palavras), caracterizando uma instância da metáfora do conduto. Os adjetivos são aplicados ao sentido básico e só depois existe referência ao discurso. Nestes casos, existem, portanto, dois planos. Primeiramente o encontro de sentidos básicos que devem ser coerentes e depois um plano metafórico que é geralmente permitido pela metáfora do conduto e que faz com que compreendamos as expressões como referentes ao discurso.

A tipologia proposta nos dá a impressão de que é possível trocar, por exemplo, os órgãos da fala nas expressões e colocar qualquer dos adjetivos associados a eles sem dano ao sentido, já que todos os órgãos fazem referência ao discurso. Porém isto não é verdade. Os adjetivos não são, como vimos, escolhidos aleatoriamente e sim levando em conta as características e possibilidades do sentido básico do veículo da metonímia. Baseando-me nesta discussão, apresento agora uma nova proposta de classificação dos dados.

3.1. Metáfora do conduto

Boca grande – aquele que fala demais;

Botando palavras na minha boca – insinuar que uma pessoa disse algo que ela na verdade não disse;

Engula suas palavras – não diga o que está pensando;

Calar a boca, fechar a boca – parar de falar.

A metáfora do conduto é a responsável por grande parte das expressões. Nestes dados, por exemplo, todas estas expressões tomam por base a compreensão metafórica do ato do discurso como o de expelir objetos (palavras). Quando a boca é grande, pode deixar passar mais objetos, o que justifica o sentido da expressão. Se alguém coloca palavras (entendidas como objetos) na boca de alguém, a impressão é de que esse alguém está proferindo estas palavras, o que nos dá o sentido da expressão. Os objetos, que carregam o

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

sentido, não farão seu percurso normal até o interlocutor se forem engolidos pelo falante, daí a expressão "engula suas palavras". Se a boca está calada ou fechada, não saem objetos, ou seja, o discurso é impedido.

3.2. Metonímia do ato

Dar com a língua nos dentes – contar algo que não deveria;

Língua grande – aquele que fala demais;

Língua solta, linguarudo – aquele que fala demais ou conta algo que não deveria.

Nestas metonímias, faz-se referência ao ato de emissão. Considera-se que aquele que tem uma língua grande (comprida) falará mais do que os outros, numa relação metafórica entre tamanho e quantidade. Dar com a língua nos dentes é uma referência clara ao ato da fala, não há necessidade de metáfora nesta expressão, mas deve-se salientar que há uma especificação, pois dar com a língua nos dentes não é simplesmente falar e sim falar aquilo que não se deve. A língua solta caracteriza um discurso sem controle, em que uma pessoa pode eventualmente dizer o que não poderia ser dito e é também uma metonímia referindo-se ao ato da fala, em que o movimento da língua significa produzir discurso.

3.3. Metonímia e metáfora – característica do órgão é característica do discurso

Papo reto - conversa que não se desvia do tema principal;

papo furado - mentira, conversa inventada ou boba;

papo torto – conversa de teor duvidoso;

papo firme – conversa séria e confiável.

Aqui, papo é usado como meio de acesso ao discurso e os adjetivos são aplicados ao discurso e não ao órgão em si. Trata-se, portanto, de propriedades interacionais do discurso, entidade abstrata que é compreendida em termos mais concretos, o que caracteriza uma metáfora.

3.4. Metonímia e Metáfora – efeito do órgão é efeito do discurso

Língua afiada, língua de fogo - aquele que faz comentários que machucam moralmente;

boca afiada (para palavrão) – pessoa que fala muito palavrão.

Nessas metonímias, a entidade veículo primeiramente recebe uma característica que posteriormente é passada para o discurso de maneira metafórica, mas diferentemente de 3.3, aqui existe um foco no efeito dessa propriedade. Queimar e cortar são eventos nocivos que são associados ao efeito de um determinado tipo de discurso igualmente nocivo, porém moralmente.

3.5. Metonímia - o órgão (ou produto dele) pelo discurso

Papo – conversa;

bafo, babado – discurso supostamente interessante sobre terceiros;

lábia – habilidade para ludibriar por meio de discurso.

Essa metonímia pode caracterizar um discurso neutro qualquer (papo) ou determinados tipos específicos de discurso, como babado e bafo ou lábia.

3.6. Metáfora: Discussão é guerra

Bate-boca, bate-papo.

Aqui temos um caso de mistura de metáfora e metonímia, pois a boca e o papo são metonímias e bater é uma projeção do domínio da guerra sobre o discurso, como se o ato de discutir fosse uma batalha física. Nota-se que o sentido de bate-boca (discussão) se aproxima mais de uma guerra do que o bate-papo (conversa), e podemos nos perguntar por que a metáfora se aplica às duas situações. Pode-se argumentar que em ambas as situações (mesmo no bate-papo) existem duas forças (os dois interlocutores) em ação, característica comum com a guerra.

Palavras finais

O assunto das expressões do comportamento verbal não é, na verdade, tão superficial quanto parece. Como dizia Saussure, às vezes é mais fácil

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. Há inúmeras implicações que podem ser exploradas a partir da análise destas expressões. As expressões podem ser explicadas de diversas maneiras e a escolha entre metáfora e metonímia é, por vezes, difícil de ser feita. Podemos igualmente nos perguntar se a parte metafórica das expressões são realmente um indício forte do relativismo linguístico e da maneira como falantes de línguas diferentes compreendem cada conceito. Mas como descobrir o que se passa na cabeça dos falantes?

Na realidade, nem sempre é fácil descobrir o sentido exato das partes metafóricas das expressões: *boca dura*, por exemplo, pode ser interpretada como aquele que fala as coisas diretamente ou alguém de linguajar grosseiro. Mas a depender da interpretação e da cultura, quem diz as coisas diretamente também pode ser considerado grosseiro. A expressão *baba-ovo*, de aspecto grosseiro, geralmente refere-se ao bajulador, porém não somente em termos de discurso.

Já é possível compreender, mesmo que sumariamente, alguns dos mecanismos que permitem esta convergência de expressões com órgãos da fala: a metonímia e a metáfora podem ser de grande ajuda nesta tarefa. Algumas das perguntas que podem ser feitas no futuro com o objetivo de continuar o estudo incluem: ao comparar as línguas, quais podem ser os limites da extensão metafórica do adjetivo *grande* aplicado ao discurso, por exemplo? Ao notar a diferença de metáforas a depender a língua, podemos também perguntar quais as implicações da escolha das metáforas na conceptualização do discurso. Em que sentido compreender as diferenças entre a metáfora e a metonímia pode ajudar a esclarecer o universal e o particular em linguagem?

Referências

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

GONÇALVES, C.A.V. *Flexão e Derivação em português*. Rio de Janeiro: Setor de publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

<http://www.dicionarioinformal.com.br/> Acesso em: 9 fev. 2011

Rafael Rodrigues da Silva Cardoso

<http://dictionary.cambridge.org/> Acesso em: 9 fev. 2011

<http://www.csse.monash.edu.au/~jwb/cgi-bin/wwwjdic.cgi?1C> Acesso em: 9 fev. 2011

http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/ Acesso em: 9 fev. 2011
JING-SCHMIDT, Z. "Much mouth much tongue: Chinese metonymies and metaphors of verbal behaviour". In : *Cognitive Linguistics*. Ed. Dabrowska, E. Mouton de Gruyter, 2008 p. 241-282.

KÖVECSES, Z. *Metaphor, a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar – Volume I: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

ABSTRACT: This paper analyses idioms related to verbal behaviour in Portuguese, comparing it to other languages in order to discuss the universal and the particular in language by taking the cognitive perspective. In reviewing Jing-Schmidt (2008), we check if the conceptual metaphors and metonymies proposed by the author for the analysis of Chinese expressions can fit Portuguese language.

KEY-WORDS: Cognition; Metaphor; Metonymy; Verbal behavior.

De "boca dura" a "língua de trapo": estudo sobre o léxico do comportamento verbal no português do Brasil

ANEXO 1 – Expressões do português brasileiro analisadas e seus significados

Português

Língua

língua afiada, língua de fogo - aquele que faz comentários que machucam moralmente

dar com a língua nos dentes – dizer o que não devia

língua grande, língua solta – aquele que fala demais

linguarrudo – aquele fala muito ou que não guarda segredo

Sem papas na língua – aquele que fala sem medo de machucar os outros

Língua de trapo – aquele que fala mal dos outros

Boca

boca grande – aquele que fala o que não deve

boca afiada(para palavrão) – pessoa que fala muito palavrão

boca dura – pessoa que responde com falta de educação

bate-boca - discussão

botar palavras na boca de alguém – insinuar que esta pessoa disse algo que ela não disse

calar a boca – parar de falar

vira essa boca pra lá – não falar em determinado assunto

Papo

papo, bate-bapo - conversa

papo reto – conversa que não se desvia do tema principal

papo furado – mentira, conversa inventada ou boba

papo torto – conversa de teor duvidoso

papo firme – conversa séria e confiável

Outras

engula suas palavras – não diga o que está pensando dizer

bafo, babado – fofoca, comentário supostamente interessante sobre terceiros

lábria – habilidade de ludibriar por meio do discurso

matraca – aquele que fala muito

bafafá – falação, comentários acerca de um assunto polêmico

nhemnhemnhem – discurso que não vale a pena retomar

patati, patatá - discurso que não vale a pena retomar

tralalá, trololó - discurso que não vale a pena retomar

ANEXO 2 - Expressões em outras línguas (a tradução literal está entre parênteses)

Francês

langue de vipère – (língua de víbora) aquele que tem comentários sempre caluniosos e de crítica

tenir sa langue – (segurar sua língua) reter sua falar

avaler sa langue – (engolir sua língua) calar-se

ouvrir la bouche – (abrir a boca) revelar algo

dire quelque chose du bout des lèvres – (dizer algo pela ponta dos lábios) dizer algo sem convicção ou sinceridade.

Inglês

to be tongue-tied – (estar amarrado pela língua) Estar numa situação em que não consegue se expressar, geralmente por nervosismo

to have a sharp tongue – (ter uma língua afiada) Ser alguém que normalmente critica e fala de maneira severa

to have, or to be a smart mouth – (ter ou ser uma boca esperta) Ser alguém que mostra pouco respeito ao falar com os outros

shut your mouth – (feche a boca) Cale a boca

open your mouth – (abra sua boca) Falar ou começar a falar.

Chinês⁹

zui3 sui4 (boca estilhaçada) aquele que fala muito, tagarela

dou4 zui3 – (lutar – boca) discussão

jiao2 she2 tou – (mastigar, língua) conversar

xue2 she2 – (imitar, língua) repetir o que os outros dizem.

Japonês

kuchi heta – (falta de habilidade com a boca) pessoa que não consegue se expressar, geralmente por nervosismo

dokuzetsu – (língua venenosa) linguagem ofensiva, insultuosa

kuchi ga warui – (boca ruim) ter uma língua afiada, dizer coisas que machucam moralmente.

9 As expressões fornecidas aqui foram tiradas de Jing-Schimdt (2008).